

SINAIS INQUIETANTES

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

A variedade e a multiplicidade de casos, de problemas, de conflitos e de crises no panorama da vida nacional são o mais evidente sinal da desorganização que se alastra em nosso corpo político. E digo desorganização em sentido próprio e exato, não apenas para designar um desajuste das peças da administração pública, uma espécie de avaria mecânica ou de desgaste das engrenagens, mas para significar precisamente um alarmante declínio da organicidade vital que é a saúde das nações. Como toda a normalidade, a saúde não é coisa fácil de definir. Poderemos dizer, negativamente, que saúde é ausência de doenças ou então, como disse um personagem de comédia, que é "un etat provisoire qui n'annonce rien de bon"; mas eu creio que seria melhor defini-la como uma boa e bela harmonia cuja principal virtude consiste em passar despercebida. Quem digere bem não fala em estômago; quem possui um bom e ágil sangue nas veias não se lembra que tem coração; quem respira fundo o ar das manhãs pode fazer líricas considerações sobre as auroras mas se esquece de elogiar os próprios pulmões. O corpo saudável anda despreocupadamente com o prodigioso aparelho, sem comentar a regularidade das tripas, como se fosse mera obrigação deias o regular funcionamento.

As mesmas idéias aplicam-se ao corpo político. Normalmente, o cidadão deveria usar as coisas públicas com a naturalidade com que toma um café ou um banho. Normalmente, eu deveria usar o guichet telegrafico sem me lembrar da existência do Diretor Geral dos Correios e Telégrafos e até sem ponderar os riscos que correm meu telegrama. Hoje, porém, eu sei que aquele diretor geral se chama Alberto Bittencourt, sei que é coronel do Exército, que é um dos chefes mais proeminentes do Movimento Militar Constitucionalista, e também sei que esse personagem esteve anteontem diante de um microfone oficial a fazer as menos telegráficas considerações sobre o fracasso dos partidos políticos e sobre os destinos gerais da nação. Normalmente, como sadio cidadão, eu deveria abrir uma lata de biscoito sem pensar em lata. Hoje, porém, depois de uma decisão da SUMOC e das consequentes manifestações estudantis, não posso tocar numa lata sem arrepios cívicos. Câmara Municipal, para o limpo e cândido olhar do município bem servido, deve ser uma instituição vagamente incumbida do bom funcionamento da vida cidadina, ou até deve ser um edifício tranquilo que a gente mostra ao filho num passeio de domingo. Ora, não passa dia sem que tenhamos notícias de um bizarro funcionamento desse órgão, agora, para completar a lista de sintomas inquietantes, temos na sua presidência, por imposição do Prefeito do Distrito Federal, um sr. Celso Lisboa que mantém com a mesma prefeitura esquisitos negócios baseados na falta de colégios para as infelizes crianças do mesmo Distrito Federal. De São Paulo, além das notícias dos jovens cafagestes de Guarujá, chega-nos a vitória da deputada Ivete Vargas que passa a presidir seu partido. De Maceió chegam telegramas anunciando que o sr. Muniz Falcão, de quem já estávamos esquecidos, será novamente denunciado por agressão ao poder legislativo. E por falar em poder legislativo, lembremos a abertura das Camaras Federais, mas apesar do "harmonioso entendimento entre o legislativo e o executivo", mencionado na mensagem presidencial, somos forçados a desconfiar da existência de algumas obstruções sérias naquelas tripas da República. O fato é que ninguém aparece para consubstanciar, pela liderança da maioria, o aludido entendimento. Os jornais falam em crise de liderança e noticiam que o sr. Capanema, que havia recusado o cargo por motivo de saúde, subiu a Petropolis para avistar-se com o Presidente. Provavelmente ouvirá do Presidente um apêlo ao seu patriotismo e talvez se comova. O sr. Vieira de Melo também subiu a Petropolis para levar a renúncia dos vice-líderes, "sur le pont d'Avignon tout le monde passe"... Nosso Avinhão ainda é Petropolis, felizmente. Dentro de alguns anos será Brasília, e então em vez de notícias de subidas teremos notícias de vôos. "Sur le pont d'Avignon tout le monde vole"... E a frase, com suas ambigüidades, mais do que nunca se aplicará às realidades brasileiras.

Na sessão de abertura do Congresso deu-se a Mensagem Presidencial toda ela escrita no mesmo tom daquela conhecida cançoneta: "Tout va bien, Madame la Marquise"... Não se falou de cambio,

mas aqui a motivação do silêncio é totalmente diversa daquela que vem da saúde e da normalidade, e mais se aproxima daquele porverbio: em casa de enforcado não se fala de corda. No ano passado falou-se abundantemente porque a corda, isto é, o dólar tinha baixado a sessenta e tantos cruzeiros. Agora está quase no dobro. Em um ano o dólar quase dobrou, logo não se fala em dólar. Como porém não há dificuldade que resista a uma frase, foi feita esta: "Com referência à política de comércio exterior, cumpre destacar que os incentivos às exportações e o combate ao aviltamento das cotações no mercado internacional produziram salutaros efeitos".

Dizem os observadores que a sessão solene esteve triste e choca. O Presidente e o Prefeito da Capital não compareceram, estavam na Praça Quinze a espera do rei D. João VI que desembarcou disfardado no ator Jaime Costa. E dizem os observadores desta outra solenidade que o rei estava muito engraçado no seu disfarce e que o Presidente e o Prefeito, lá no palanque, se divertiram muito. Eu imagino que o sr. Presidente, diante daquela reconstituição histórica, deve ter pensado com seus botões no sesquicentário de Brasília, e deve ter imaginado a figura dos cômicos que nesse dia representarão o Presidente Juscelino e o Prefeito Negrão. Enquanto não chega o dia glorioso, eles mesmos representam os respectivos papéis de Juscelino e de Negrão.

x X x

Relendo o que disse atrás, para pegar o fio da meada, encontrei aquela frase onde digo que, normalmente, o cidadão deveria usar as coisas públicas com a naturalidade de quem toma um café ou um banho. Mas a simples palavra "banho" tem terríveis conotações para o carioca. Outro dia, numa rua movimentada de Copacabana, foi visto um espetáculo que reputo mais interessante do que o da chegada de D. João VI: aproveitando uma boa chuva de verão, as mães de Copacabana vieram para a calçada dar banho nos filhos. Traziam toalha, esponja, sabão, e

numa fila de novíssima espécie transformaram em balneário o quarteirão. As mães, coitadas, não puderam tirar o mesmo proveito do aguaceiro, ou não tiveram a coragem de Lady Gediva para lavar desse modo o cívico protesto contra a incúria da municipalidade.

Se banho logo nos lembra a falta d'água, e consequentemente nos trás à mente a idéia da presidência da Câmara dada ao sr. Celso Lisboa, além de muitas outras relativas ao sr. Negrão de Lima, que diremos nós do café? Hoje não podemos tomar um cafézinho, sentado ou em pé, sem que diante de nós se levante o espectro de um grande problema nacional. Outro dia, um amigo economista disse-me ao ouvido, com voz sinistra, que teremos de engulir milhões de sacas de café: E explicou-me longamente, detalhadamente o problema da política altista, os inconvenientes da política baixista, falou-me na Colombia e na Africa do Sul, ensinou-me que há quarenta anos o Brasil produzia noventa por cento do café consumido no mundo inteiro e que hoje produz somente quarenta e poucos por cento. A única coisa que eu sabia desse magno problema era o que me dizia um antigo caderno de venda de 1945. Por esse caderno vi que o café custava naquele tempo cinco cruzeiros por quilo e hoje custa setenta. Meu ponto de vista era de consumidor e não de exportador. Fico agora sabendo que toda a economia do país está sobrecarregada com a obrigação de engulir milhões de sacas de café. Por aí se vê que hoje um bom patriota não pode mais praticar, despreocupadamente, o mais brasileiro dos hábitos. E voltando às considerações iniciais deste artigo concluímos que tudo perdeu a naturalidade e tudo se transformou em problema para nós; ou então conclue-se, pela diversidade e pela variedade de sinais, que o desmoroamento do país está chegando a um ponto que mete medo. Mas o que ainda nos deixa mais amedrontados é a alegre despreocupação daqueles que teoricamente são responsáveis pelos destinos do país.